

Walisson Santos Sousa

**A ANGÚSTIA NA CONCEPÇÃO KIERKEGAARDIANA
DA EXISTÊNCIA DO SER HUMANO.**

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

Walisson Santos Sousa.

**A ANGÚSTIA NA CONCEPÇÃO KIERKEGAARDIANA
DA EXISTÊNCIA DO SER HUMANO.**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em
Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e
Teologia, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da minha vida e pelo amor incondicional que teve e tem por cada um de seus filhos(as), particularmente, por caminhar comigo ao longo do percurso da minha existência.

Aos meus queridos pais e familiares que me criaram e ensinaram a aproveitar o que a vida nos oferece, desfrutando-a com responsabilidade. Gratidão, sobretudo, pelo amor e carinho que me ofertam a cada dia.

Ao Professor Dr. Carlos Roberto Drawin, pela disposição, paciência e motivação com que me impulsionou na condução desta monografia.

Ao meu amigo, Ramon Aurelio da Cunha Junior, que com suas correções, discussões e questionamentos contribuíram para o aperfeiçoamento do presente trabalho.

Agradeço também ao meu amigo Alan Martins, a correção e colaboração do segundo capítulo, pontuando e aperfeiçoando este trabalho.

À Congregação dos Sagrados Corações, que me deu oportunidade para iniciar o curso e crescer intelectual e espiritualmente.

Aos professores(as) do Curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta (Faje), pelas aulas, pela dedicação, e pela aprendizagem que nos proporcionaram.

À Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), que durante os três anos do Curso de Filosofia, disponibilizou recursos e meios para o bem de seus estudantes.

Por fim, aos meus amigos de sala de aula, que deixaram marcas em meu coração as quais vão ser lembradas por toda a minha existência. A todos o meu muito obrigado!

"Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente, não ousar é perder-se. Minha vida não será, apesar de tudo, mais do que uma existência poética. Aventurar-se no sentido mais elevado é precisamente tomar consciência de si próprio. Acima de tudo, não se esqueça da obrigação de amar a si mesmo".

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o conceito de angústia, baseado no pensamento do filósofo Sören Kierkegaard, fundador da filosofia existencial contemporânea e suas conexões com a crise da cultura contemporânea. Esta pesquisa tem como foco uma obra seminal do filósofo dinamarquês: “O conceito de Angústia”, e tem como objetivo mostrar como este sentimento se torna presente e se move na existência do ser humano nos dias atuais. Para compreendermos essa reflexão, é necessário conhecer os caminhos existenciais percorridos do próprio autor, e como foram pensados e aprofundados na sua filosofia. A partir do projeto de vida do autor, tenta-se chegar à compreensão do conceito de angústia, como se deu sua construção e sua importância no conjunto de sua obra. Por fim, a pesquisa se debruça sobre o sentimento de angústia na existência do ser humano, angústia essa como possibilidade de liberdade, perpassada pelo medo da escolha a ser feita e como é enfrentada nos dias atuais, e quais suas consequências.

RESUMEN

El presente trabajo propone una reflexión sobre el concepto de angustia, a partir del pensamiento del filósofo Sören Kierkegaard, fundador de la filosofía existencial contemporánea y sus conexiones con la crisis de la cultura contemporánea. Esta investigación se centra en una obra seminal del filósofo danés: “El concepto de Angustia”, y pretende mostrar cómo este sentimiento se hace presente y se mueve en la existencia del ser humano actual. Para comprender esta reflexión es necesario conocer los caminos existenciales recorridos por el propio autor, y cómo fueron pensados y profundizados en su filosofía. A partir del proyecto de vida del autor se intenta comprender el concepto de angustia, cómo se construyó y su importancia en el conjunto de su obra. Finalmente, la investigación se centra en el sentimiento de angustia en la existencia del ser humano, la angustia como posibilidad de libertad, permeada por el miedo a la elección a realizar y cómo se enfrenta en la actualidad, y cuáles son sus consecuencias.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1- Itinerário da Vida e Obra de Kierkegaard	9
1.1 Vida.....	10
1.2 Obra	15
1.3 Kierkegaard: filosofia, pensamento e a atualidade	16
Capítulo 2- A Angústia como Elemento Constituinte da Existência	18
2.1 Angústia.....	18
2.2 Relação Entre Pecado e Angústia	21
Capítulo 3- A Angústia na Ótica Kierkegaardiana Frente a Crise Pandêmica Causada pela COVID-19.	24
3.1 Convívio Social.....	26
Conclusão	31
Referencias	32

Introdução

Nos dias atuais tem se falado muito em angústia, portanto supõe que o ser humano esteja passando por momentos difíceis, seja na de um parente, amigo, ou até mesmo diante de uma realidade capaz de transformar sua vida. Esta é a reflexão que a palavra angústia desperta na sociedade. Portanto o interesse desse assunto se originou da experiência acerca da realidade que estamos vivendo. Partindo da linha existencialista proponho o tema “A angústia na concepção kierkegaardiana da existência do ser humano”. Nos últimos tempos a angústia vem se tornando uma batalha constante e diária, e um grande fator atenuante para tal acontecimento é a pandemia do covid19.

O pensamento kierkegaardiano amplia a perspectiva de entendimento da angústia na medida em que a compreende como inerente à própria natureza humana, o que significa dizer que todos os seres humanos convivem com este sentimento de angústia, e nos cabe a questionar como estamos lidando com esse sentimento nos tempos atuais? Para entendermos melhor esse questionamento, essa reflexão, voltaremos nosso olhar para obra do Kierkegaard “O conceito de angústia” escrita em 1844, trazendo a ideia de como percebera as transformações socioculturais de sua época. ou seja, a angústia do ser humano hoje tem muito em comum com a angústia tratada pelo filósofo nesta obra.

A partir desse ponto é que vamos entender o papel central e importante do tema da angústia dentro da filosofia existencialista. Por meio da leitura da obra “O Conceito de Angústia” de Kierkegaard, que é a principal fonte de pesquisa desse trabalho e recorrendo à bibliografia secundária, pretendo fazer uma análise das ideias básicas desenvolvidas na obra e vida do filósofo dinamarquês, além de trabalhar outros comentadores, como o artigo do autor Valdinei Caes com o título “A Concepção de Indivíduo Segundo Kierkegaard” e o livro “Compreender Kierkegaard” do filósofo Farago France. Estas são apenas algumas referências iniciais, porque o levantamento bibliográfico faz parte da pesquisa da monografia.

No primeiro capítulo pretendo fazer uma apresentação genérica da vida e da obra do filósofo, pois a partir dessa análise perceberemos o sentido de angústia no pensamento do filósofo, e esclarecer o porquê do conceito de angústia no indivíduo concreto foi

relevante para o seu pensamento filosófico. No segundo capítulo apresentaremos o significado da noção de angústia, a partir da análise de sua obra “O conceito de angústia” enfatizando o impacto desse sentimento na constituição da existência. Por fim no terceiro capítulo abordaremos a relevância do tema para a compreensão da crise da cultura contemporânea.

1. ITINERÁRIO DA VIDA E OBRA DE KIERKEGAARD

O presente capítulo tem como intenção apresentar a vida e a obra do filósofo Soren Kierkegaard ainda que, de modo curto, pois não é este nosso objetivo aqui, não diminuir-se-á o valor e a qualidade da contribuição do mesmo para o conhecimento filosófico. Neste primeiro capítulo tomar-se-á a biografia, as obras e os saberes pontuais do autor estudado. Posteriormente, fasear-se-á um apanhado filosófico a respeito do que se entende filosoficamente como indivíduo formativo elaborado por Kierkegaard. E, por fim, como terceira parte deste capítulo primeiro, apresentar-se-á às principais contribuições de Kierkegaard para a filosofia, seu pensamento e a difusão de sua filosofia atual. Acreditamos que para a nossa pesquisa, entender o pensamento deste filósofo e a sua contribuição do mesmo para o mundo do saber é fundamental para a compreensão da grande discussão sobre o conceito de angústia no mundo hodierno.

A angústia é o tema central de nossa pesquisa e estudo. Neste sentido, acreditamos que não é possível abordar aspectos relacionados ao conceito de angústia sem tocar no nome do filósofo, estudioso e pesquisador Kierkegaard. A obra que indicará caminhos neste trabalho foi escrita por Kierkegaard chamada de “*Conceito de angústia*”¹ construído sobre a reflexão da liberdade humana. Tal tema fornece para academia e seus estudos uma ampla gama de discussão e ajuda o ser humano a entender-se e, o filósofo estudado incorpora e:

Assume uma importância central dentro da filosofia, sobretudo para a corrente existencialista, da qual ele é considerado o iniciador, A angústia está ligada ao nada, ao vazio. Neste estado o sujeito é pura possibilidade, ainda não está determinado (SANTOS, 2011, p. 203)².

¹ KIERKEGAARD, S. O conceito de angústia. Trad.: Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2013.

² SANTOS, Pedro Carlos Ferreira. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 9, n. 2, p. 202-214, ago./dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrv.2011.92.202214>

Sendo assim, antes de adentrarmos no tema central de nossa pesquisa, buscar-se-á apresentar a vida e as obras de Kierkegaard e somente assim veremos como que este tema da angústia continua e a sua contribuição do conceito do mesmo continua a perpetuar no pensamento filosófico no tempo atual cuja discussão atual é tão fundamental para entender o ser humano.

1.1 Vida

Kierkegaard, nasceu na cidade de Copenhague³, na Dinamarca, no dia cinco de maio de 1813. Filhos de pais na “velhice” assim mais tarde se coloca neste termo, Soren é batizado no dia 3 de junho na Igreja do Espírito Santo, dados importantes em que se encontrava, ou seja, em um mundo em plena efervescência. Filho do agricultor, Michael Pedersen Kierkegaard, o qual se tornou comerciante ao mudar-se para Copenhague, casando-se duas vezes: no primeiro casamento, sua esposa faleceu precocemente e, além disso, era infértil. Depois, casou-se com Ana Srensdatter, sua empregada doméstica, da qual nasceu o filósofo existencialista, o caçula de sete filhos.

Kierkegaard era de uma família seguidora fiel do Luteranismo, esta religião tinha como característica marcante: o pietismo e a melancolia. Característica esta que perpassou para a família do jovem Kierkegaard. Quando ainda era criança se interessava muito por leituras seja literatura, psicologia, teologia e a própria filosofia. Era considerado um menino dotado pela sua oratória diante do público. Seu interesse pela leitura era tanto que o próprio pai, vendo seus interesses e o observando ordenou que o jovem ao entrar para a escola não se deixasse conduzir pelo pensamento de ser mais inteligente buscando um saber igualitário ou a posição de terceiro lugar nos estudos.

Outro fator marcante na vida de Kierkegaard, foi durante o luto de sua mãe, no qual seu pai, Sr. Michel, desenvolveu um jeito melancólico e angustiado e, para aliviar esse sentimento, tornou-se um homem alcólatra. Soren Percebesse que a mãe do filósofo não aparece muito na sua obra, pois ela estava limitada aos afazeres domésticos e não tinha muita influência na formação dos filhos ao contrário do pai que aparece como uma onipresença ao mesmo tempo tutelar, austera e benévola na vida do jovem caçula.

³ Na obra Compreender Kierkegaard, France Farago afirma que a vida de Soren teve início nesta data, na referida cidade.

Essa ausência da mãe, que alguns acham estranha, se deve simplesmente ao fato de que o horizonte de Ana Kierkegaard estava limitado aos assuntos domésticos aos quais se entregava com amor, mas sem que isto significasse a menor atração para o jovem cujo despertar precoce o orientava para seu pai, entusiasta da filosofia e teologia (FARAGO, 2011, p. 27).

Quando Kierkegaard ainda era criança perdeu seu quinto irmão. Seu pai sempre tentou proteger e oferecer uma boa educação a Soren, no entanto, tal atitude “coberta pelas sombras da angústia e do sentimento de culpa” (FARAGO, 2011, p. 29). Na vivência da perda pelo irmão, e seu processo de iniciação no cristianismo, Soren questiona a morte de Jesus Cristo, dizendo que foi morto um inocente e salvo um ladrão. Com isso, ele encontra seu caminho: “lutar contra o mundo que crucifica o amor enquanto indulta os bandidos, consagra sua vida à procura da verdade” (FARAGO, 2011, p. 30).

O jovem Kierkegaard herdou de seu pai a melancolia e a angústia, devido à formação rigorosa e exageradamente escrupulosa quanto ao pecado. A relação com seu pai, tinha para o filósofo uma importância fundamental, sobretudo após a morte de sua mãe. Por isso o menino Kierkegaard, vivenciou as dores do pai, isto é, ele tomou como suas os pecados que o pai tinha cometido. Seu pai, muitas vezes, passava os momentos de melancolia em bares, ficando totalmente bêbado, pensava ele que na bebida iria esquecer os sofrimentos e agonias de sua vida e pelo luto que vivia. Em um dia, nestes momentos de embriaguez ao retornar para casa encontra o jovem filho e comentou sobre dois grandes segredos e disse que no tempo certo ele iria saber.

No dia oito de agosto de 1838, já nos últimos momentos de Michel Kierkegaard, ele relembrou a seu filho os dois grandes segredos os grandes pecados mortais de sua vida. O primeiro consistia no fato de que, ainda criança, tomado por uma fúria, tinha amaldiçoado a Deus por ter nascido naquela aldeia e naquela família. O outro segredo baseava-se em algo mais pesado e sombrio para os cristãos luteranos. Seu pai ainda casado com a primeira mulher enferma se envolveu com a empregada que futuramente iria ser a mãe do jovem Kierkegaard.

A partir deste dia, Kierkegaard tomou a culpa do pai. É neste contexto que se deu a sua filosofia, partindo da angústia que sentia em saber que o pai cometera tal pecado e deste pecado ele teria nascido. Mais tarde Kierkegaard compreende que seu pai tinha compreendido mal o cristianismo, aquilo que o pai o havia transmitido, não era como ele acreditava, mas consistia em uma fé incapaz de socorrer-lo, uma angústia e desespero. Para Soren uma religião que tem como obsessão do pecado, é uma religião desumana e mais cruel, tornando-o a um rebelde desta religião de sofrimento e castigo.

Todas essas experiências em família, vividas por Soren, serão temas de suas obras: desespero, angústia, melancolia etc. Kierkegaard em 1830, oito anos antes de seu pai falecer, foi coroado por um bacharel em filosofia e filologia, com seus estudos consagrados as humanidades. Sem ter certeza da sua vocação Kierkegaard, frequenta por 10 anos como amador a faculdade de teologia, e 1934 publica um artigo intitulado “Nova apologia da natureza superior da mulher”. Nesse período Kierkegaard se vê diante de uma crise, até o presente momento não conseguia enxergar ou compreender qual seria sua vocação, algo que pudesse viver e morrer.

Durante esse tempo na faculdade de teologia, Soren começa a viver uma vida desregrada. Ao perceber isso, seu pai restringe a ajuda financeira a Kierkegaard, cuja medida lhe trará muitas dívidas. Com seus recursos financeiros regrado, busca solucionar este problema com empréstimos solicitados a seus amigos e começa a lecionar Latim, um trabalho tedioso para si e perca de tempo. Neste período, ele deixa o curso de Teologia por não ter dinheiro para pagar sua taxa na associação dos estudantes. A partir deste momento, Sören começa a dedicar-se aos estudos de questões estéticas.

Kierkegaard também se deixará seduzir, a princípio, pelo pensamento dialético de Hegel. Na qual mais tarde contestara esse pensamento. A crítica de Kierkegaard ao sistema de Hegel, fundamentado na oposição entre o pensamento e a existência, consiste no fato desse sistema ser um conhecimento acabado, que não pode dar conta da realidade, humana. O sistema é universal e a realidade é singular, o sistema é abstrato e a realidade é concreta, o sistema é racional e a realidade é irracional, o sistema é eterno e a realidade é efêmera, o sistema é impassível e a realidade é paixão, emoção, choque. Para Kierkegaard, era impensável deixar que a existência humana ficasse apenas na conceituação intelectual.

Para Kierkegaard, a filosofia se resumia em tomar consciência das coisas que eram feitas a qualquer pessoa que queria viver uma existência verdadeiramente autêntica. Por isso, ele nunca deixará de interrogar e analisar a si próprio. Além de seu pai, Regine Olsen⁴ influenciou nos sentimentos de Sören, a qual conheceu em uma visita a uma jovem por quem nutria uma vaga paixão. Neste período, ele estava com vinte e cinco anos, e Regine tinha em torno de quatorze 13 anos. Quando ele a viu, logo sentiu uma grande atração e, anos mais tarde, iria visitar lhe com o pretexto de emprestar-lhe um livro.

⁴ Regine Olsen foi uma jovem dinamarquesa, mais conhecida por ter sido noiva do filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard e ter tido uma influência considerável na obra filosófica e teológica deste.

Kierkegaard conheceu o amor humano, o amor que fulmina. Amarrou-se como um tolo. Naquela época, o noivado precedia o casamento. Portanto, noivou. Mas foi uma “aventura” efêmera. Não foi capaz de articular o tempo desse compromisso com a eternidade que dele se havia apoderado (FARAGO, 2011, p. 50).

Após três anos, Soren e Regina se tornaram noivos. Regina demonstrava uma grande alegria com seu noivado, mas “quanto mais ela se mostrava envolvida e confiante, tanto mais ele se sentia desamparado, despreparado” (FARAGO, 2011, p. 52). Além disso, o amor só fizera com que Sören ficasse mais angustiado e terminando conseqüentemente com o noivado o que lhe trouxe muito sofrimento.

Além da dor imediata de ter que renunciar à bem amada e, por isso mesmo, sacrificar qualquer outra felicidade temporal, havia ainda a dor de ele mesmo ter que empunhar a faca. E a isto se somou a incerteza sobre se fora correta a decisão tomada (FARAGO, 2011, p. 52).

Com o rompimento do noivado, Regina, ainda ferida, casou-se com Fritz Schlegel. Kierkegaard pagou um preço alto por isso, pois quando quis reatar o relacionamento, descobre que ela não estava mais disponível. Sobre essa parte morosa escreve em seus escritos, o autor Jean Wahl descreve essa história de Soeren como “o amante sem nenhuma imediatidade em seu amor”

Como mencionado acima, Kierkegaard vivia em um profundo sentimento melancólico devido a todos os acontecimentos de sua vida. Mas ele nunca deixou que essa angústia e melancolia transparecessem em suas relações. Ele sempre se demonstrou um jovem alegre, mas era um humor depressivo que vinha de sua família e sua história, pois era amplamente compartilhado por eles. No mês de outubro de 1855, Kierkegaard sofreu uma queda na rua e foi hospitalizado com paralisia em suas pernas. Neste período, ele se recusou a receber assistência religiosa e faleceu quarenta dias depois com hemorragia interna, em Copenhague, no dia 11 de novembro de 1855.

Neste contexto de sua vida, Kierkegaard, vai elaborar grandes e complexos conceitos. Revendo a trajetória da sua existência, observamos que o existencialista cristão baseou seu pensamento filosófico totalmente na sua vida. Muitos pensam que o fato de Kierkegaard conceitualizar especialmente a angústia o torna um louco, mas devemos entender como ele concretizou estes conceitos e percebemos isto na própria vida do filósofo. É bom salientar que a filosofia de Kierkegaard foi influenciada pela filosofia de Hegel, mesmo não arcando em totalidade com a filosofia hegeliana.

Todos que se dedicavam a estudar sua filosofia se apaixonavam, foi assim que Hegel conseguiu um ponto de destaque neste século. Mas, depois de Kierkegaard se aprofundar na filosofia do alemão, ele se opôs às ideias hegelianas, principalmente ao axioma: “o que é racional é real, todo real é racional”, ou seja, tudo é pensando na ordem de um sistema. Era com isto que Kierkegaard não comungava, nem com o fato de que tudo é racional. “

O existencialista marca o século XIX, época em que as ideias de Hegel predominavam na sua região. A angústia foi o tema corrente durante todo o pensamento de Kierkegaard, pois sua pretensão consistia em defini-la em um conceito único, mas sabia que esta busca era impossível. Pensando assim a angústia existe na existência do indivíduo porque não é autêntica. Desta maneira, Kierkegaard passou a buscar uma certa autenticidade sendo capaz de formular três estádios independentes, ou seja, não era necessariamente um caminho obrigatório que o indivíduo teria que percorrer, mas podia percorrer por dentro de um deles ou se fosse necessário poderia caminhar por todos.

Os estádios são: Estético, quando o homem vive para o aqui e agora e visa sempre o prazer instantâneo, acreditando que bom é aquilo que é bom e agradável; ético, quando o homem passa a viver eticamente, vida pautada na seriedade ordenada por decisões consistentes e padrões morais. Um exemplo para isto é o casamento, símbolo do estádio ético - neste estádio podemos observar uma ordem mais rígida correspondente ao estádio anterior; e o Religioso, que é considerado o mais importante, pois é um equilíbrio do primeiro estádio, que só é divertimento e o segundo, que é a luta pela sobrevivência. Neste estádio o homem busca a verdadeira vivência na Fé. Portanto, é diante destes estádios que o jovem Kierkegaard tenta buscar uma existência autêntica para a sua vida, também estes estádios se tornam um pontapé inicial para o seu pensamento filosófico.

Diante de tantos argumentos sobre sua filosofia, é interessante salientar o seu conceito de angústia. Este sentimento, para o filósofo existencialista, é constituinte na natureza humana, ou seja, existe desde o nascimento do homem. Ele acontece quando o homem é posto diante de um precipício de possibilidades, isto é, quando o homem está diante de várias escolhas. Para isto, Kierkegaard elaborou o livro intitulado de “O conceito de Angústia”. Nesta obra expressar-se-á a “angústia como pressuposição do pecado hereditário, a angústia na progressão do pecado hereditário, a angústia como consequência deste pecado que consiste na ausência da consciência do pecado, a angústia do pecado ou angústia como consequência do pecado no indivíduo e a angústia como o que salva pela fé⁵”.

⁵ Títulos de cada capítulo do livro “O conceito de angústia” do filósofo.

Neste caminho também encontramos o desespero que é o desejo do homem de entender Deus e analisa a luta humana para eliminar as angústias quanto à imortalidade da alma, buscando assim, preencher o vazio espiritual da sua existência. A partir destes grandes pensamentos irá começar uma grande reviravolta na busca de entender o que seria a angústia, palavra que amedronta milhares de indivíduos na sociedade do nosso tempo.

1.2 Obras

Soren Kierkegaard escreveu sobre sua própria vida regada pelos seus sentimentos desde a infância. Assim, muitas obras surgiram a partir da angústia, melancolia, e vários outros sentimentos, os quais fizeram parte de sua formação humana. Considerado o principal filósofo do Existencialismo, Kierkegaard trouxe grandes contribuições para essa área. Seus principais estudos são sobre a angústia, a melancolia, entre outros sentimentos vividos por ele. Desenvolve assim seu pensamento a partir da sua experiência de vida, encharcada de profundos momentos de angústia junto ao seu pai, um dos responsáveis por se tornar um filósofo existencialista.

Kierkegaard não conheceu o conceito de “modernidade”, projeto para o qual muitas pessoas eram seduzidas, pois tal conceito somente surgiu cinco anos após sua morte. Mesmo sem o conceito, as “ideias modernas” já circulavam na Europa, porém “a obra de Kierkegaard constitui um esforço para relacionar em termos de modernidade a dialética da fé”, como “certeza interior que antecipa o infinito” (FARAGO, 2011, p. 13). Poderíamos pensar como seria esse conceito nos dias atuais, se o filósofo estivesse presente nos dias atuais, apesar de sua obra ser bem contemporânea.

As obras de Kierkegaard se dividem em duas partes. Por um lado, as obras assinadas com pseudônimo são suas obras primas de conteúdo filosófico/teológico e as obras edificantes que ele assinava no seu próprio nome. Enquanto a obra pseudônima apresenta variada análise da existência humana, a parte edificante de sua obra resulta mais catequética. O filósofo existencialista escreveu intensamente durante o tempo de sua existência a ponto de criar um movimento filosófico, o qual vai ser conhecido um século depois, como o Existencialismo. Suas obras são complexas, não podemos lê-las superficialmente ou apenas trechos ou partes de alguns de seus livros, pois poderá ter uma compreensão equivocada do pensamento filosófico do autor.

Kierkegaard tinha fama de escrever muito e de ser dotado de grandes conhecimentos. Não existe dentre as suas obras uma que poderia dizer ser a mais importante ou a mais completa de seus pensamentos, contudo poderíamos apontar para seus escritos como valorosos e de grande importância para a filosofia de sua época e a de nosso tempo.

Também é interessante expor que o jovem Kierkegaard em algumas de suas obras, usa de pseudônimos inventados pelo próprio autor. Nestes pseudônimos Kierkegaard se expressa por uma comunicação indireta para os seus leitores. Assim é com esta forma de escrever, que seus trabalhos se tornam mais densos, por isso quem desejar se lançar em querer interpretar o pensamento deste existencialista tem que ter em mãos todos os seus escritos. Estes nomes fictícios aparecem como vozes que representam variados pontos de vista de opiniões distintas, de acordo com o contexto da obra, porque o filósofo não trata de um ponto de vista único. Portanto, essas vozes produzidas pelo mesmo autor, significam uma dialética subjetiva.

Poderíamos citar várias obras do Kierkegaard, mas foquemos na obra “O conceito de angústia” no qual vamos analisar que a própria angústia está intrínseca na liberdade, e esta liberdade dar a oportunidade de o homem escolher qualquer que seja a possibilidade, e nesta possibilidade de escolher, surge o pecado, pecado este que surgiu na criação (Adão) e se perpetua por toda existência humana. É através deste ato de pecar que podemos ver a angústia. Portanto, diz Kierkegaard, a angústia está intrínseca no ser humano.

1.3 Kierkegaard: filosofia, pensamento e a atualidade

O pensamento de Kierkegaard, de fato, é uma chave de leitura para a filosofia e para todos aqueles que posteriores a ele, sobretudo para aqueles que, pensam de alguma maneira o abordam diretamente o tema da angústia. De acordo com Pedro Carlos Ferreira Santos, no artigo: *A Atualidade Do Conceito De Angústia De Kierkegaard* (2011, p. 213):

O pensamento de Kierkegaard neste início de terceiro milênio continua significativo e atual. Questões levantadas por Kierkegaard como a angústia, o desespero, o indivíduo e a fé que hoje podem soar estranhos aos ouvidos do homem pós-moderno, mas que estes aspectos no dizer de Kierkegaard são inerentes ao ser humano e viver esta angústia existencial é fundamental para o ser humano construir aquilo que os existencialistas chamam de existência autêntica.

Ou seja, além de significativo e importante, o pensamento de Kierkegaard, inaugura uma nova forma de pensar a filosofia. Nesta pesquisa iremos nos concentrar diretamente no conceito e na obra já mencionada acima sobre a angústia. Este tema será abordado no próximo

capítulo. Antes de avançarmos neste conceito, é importante ressaltar a importância do filósofo Kierkegaard para a filosofia e como ele foi capaz de captar problemáticas de seu tempo e transformar em estudos que continuam a indagar pensadores atuais.

De fato, o pensamento atual, não é o mesmo depois da natureza do pensamento kierkegaardiano e da contribuição do mesmo para a filosofia na compreensão da natureza do ser humano em movimento. Estudar Kierkegaard é um convite a olhar para a sua multifacetária de ideias e pensamentos e obras. De acordo com André Luiz Holanda de Oliveira ao ler Kierkegaard:

Não estamos lidando apenas com mais um escritor, mas com um autor surpreendente, enigmático e polêmico que coloca “vinho novo em odres velhos”, e que não raramente, provoca sentimentos de admiração, inquietação, reprovação ou rejeição em seus leitores (2003, p. 13)⁶

Neste sentido, podemos nos perguntar: porque estudar um filósofo da Dinamarca cheio de tramas e dramas em torno da sua e o seu pensamento!? E para além disto, perguntar-se-á, o interesse e escrita de Kierkegaard pelo tema da angústia podendo afirmar que:

No que se refere a esse tratado kierkegaardiano sobre a angústia, importa sobretudo mostrar que ele não é, por mais que pareça ser, um livro sobre o pecado, mas uma reflexão, de caráter filosófico, sobre a liberdade humana. Mais precisamente ainda: trata-se de uma obra que busca sondar as condições transcendentais de possibilidade do agir livre do homem que, enquanto tal, se mostra como apto a realizar aquilo que os teólogos, chamados aí nessa obra de “dogmáticos”, costumam denominar pecado. Eis, pois, o que nos cumpre aclarar (SAPERE AUDE, 2017, p. 189)⁷.

A angústia é um dos temas mais importante e concebido por Kierkegaard. O filósofo aborda este conceito como uma “atmosfera” que será explanado mais à frente, no entanto, cabe-nos explicar que a angústia é um termo fundamental para entendermos o ser humano, seu agir e a seriedade da pesquisa acadêmica e para filosofia existencialista. Portanto, para compreender o ser humano e o conceito de angústia, no próximo capítulo tratar-se-á do presente conceito e a obra Kierkegaard sobre o tema situando o pensamento do filósofo e o paradoxo trazido por ele para a reflexão filosófica.

⁶ Oliveria, André Luiz Holanda de: *A noção de existência autêntica em Kierkegaard* – Recife: O autor, 2013. 114f.

⁷ Sapere Aude – Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 187-210, Jan./jun. 2017 – ISSN: 2177-6342

2. A ANGÚSTIA COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA EXISTÊNCIA

2.1. A angústia

Ao passar por um breve itinerário da vida de Kierkegaard e a filosofia que o acompanha, será tratado neste capítulo o conceito de angústia como um eixo que norteia a compreensão do pensamento do autor no que toca a existência humana e o que dela procede. Para isso é necessário atentar-se agora, de modo incisivo às ideias que o filósofo suscita em sua obra *o conceito de angustia*.

Sabe-se, pois, que a vida de Soren Kierkegaard foi marcada pela angustia devido às suas experiências cumuladas. Mas afinal, o que é a angustia? Que significa dizer de fato que um indivíduo padece sob este estado? Para responder a essas perguntas o autor delimita o campo teórico onde tal conceito merece ser estudado. O filósofo pressupõe, então, o estado de inocência para situar o ser humano.

A inocência é ignorância. Na inocência, o ser humano não está determinado como espírito, mas determinado psicicamente em unidade imediata com sua naturalidade. O Espírito está sonhando no homem. Tal interpretação está em perfeita concordância com a da Bíblia que, ao negar ao homem em estado de inocência o conhecimento da diferença entre bem e mal, condena todas as fantasmagorias católicas sobre o mérito. (KIERKEGAARD, 2013, p. 44 e 45).

O autor num primeiro ponto trata de considerar um estado que caracteriza a identidade primária do ser humano enquanto realidade psíquica na forma humana. Trata-se do estado de inocência, que ao mesmo tempo é ignorância por não haver conhecimento do bem e do mal. Tal pressuposto anda a par da concepção bíblica, no livro do gênesis.

Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada, mas nada, que efeito tem? Faz nascer a angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia. Sonhando, o espírito projeta sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela. (KIERKEGAARD, 2013, p.45).

Caracterizado como um estado de ausência de conhecimento e também ausência de conflitos, tal como é o estado de inocência, o ser humano se depara com o “nada” que é simultaneamente a angústia. O espírito por outro lado “mesmo no estado de imediatidade e sonho, experimenta a angústia diante do *nada*” (FARAGO, 2011, p.79). A realidade do espírito estar a par da inocência, ambas realidades padecem sob a angústia do nada.

O conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia, e, portanto, tenho de chamar a atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Por isso não se encontrará angústia no animal, justamente porque este em sua naturalidade não está determinado como espírito. (KIERKEGAARD, 2013, p. 45).

Kierkegaard aponta que, assim como existem sentimentos e estados emocionais bem conceituados na psicologia, a angústia também está sujeita a ser objeto de estudo de acordo com a análise psicológica e existencial do ser humano, mas é preciso estabelecer a diferença que ela possui ante os outros conceitos. Nesta perspectiva, o conceito de angústia é tratado a partir de uma realidade possível que se apresenta ao espírito. E essa realidade é entendida como liberdade, a qual o espírito pode padecer ante aquilo que lhe é possível, ou melhor dito, a angústia aparece como uma áurea que envolve a liberdade do homem como uma primeira possibilidade.

Com isso é possível identificar na angústia uma ambiguidade psicológica, tal como afirma Kierkegaard “A angústia é *uma antipatia simpática e uma simpatia antipática*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 46). Isso pode significar que há uma sombra e ao mesmo tempo uma claridade, um poder de atração e também uma força de resistência que provoca essa tensão no espírito que se angustia.

A angústia que está posta na inocência, primeiro não é uma culpa e, segundo, não é um fardo pesado, um sofrimento que não se possa harmonizar com a felicidade da inocência. Observando-se as crianças, encontra-se nelas a angústia de um modo mais determinado, como uma busca do aventuroso, do monstruoso, do enigmático. Que haja crianças nas quais ela não se encontra, nada prova, pois o animal também não a tem, e quanto menos espírito, menos angústia. Esta angústia é tão essencial à criança, que esta não quer ver-se privada dela; e mesmo se ela a angustia também a cativa com sua doce ansiedade. Esta angústia ocorre em todas as nações que consideram os traços da infância como típicos do sonho do Espírito, e quanto mais profunda ela é, tanto mais profunda é a nação. (KIERKEGAARD, 2013, p. 46).

O autor apresenta nesta abordagem uma perspectiva otimista em relação à angústia, dado que é observado de acordo com o comportamento das crianças. A angústia se apropria da

liberdade das crianças num sentido de abertura em busca pelo “novo”. E é dessa forma que ela é entendida no estado da inocência. Não há que temer a angústia somente com algo concebido de forma negativa e pessimista.

Por outro lado, é necessário entender também a angústia que se perfaz no Espírito:

Que a angústia apareça é aquilo que ao redor do que tudo gira. O homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo. Porém, uma síntese é inconcebível quando os dois termos não se põem de acordo num terceiro. Este terceiro é o espírito. (...) O espírito está, pois, presente, mas como espírito imediato, como sonhando. Enquanto se acha então presente é, de certa maneira, um poder hostil, pois perturba continuamente a relação entre alma e corpo, que decerto subsiste sem, porém, subsistir, já que só receberá subsistência graças ao espírito. De outra parte, o espírito é um poder amistoso, que quer precisamente constituir relação. Qual é, pois, a relação do homem com este poder ambíguo, como se relaciona o espírito consigo mesmo e com sua condição? Ele se relaciona como angústia. (KIERKEGAARD, 2013, p. 47)

Para o autor é importante atentar-se ao Espírito como um elemento categórico e preciso neste estudo, pois é ele que realiza a síntese dos opostos, seja naquilo que é carnal e naquilo que é psíquico. Da mesma forma que a angústia é posta no estado de inocência, ela também se faz presente no espírito. Ao fazer essa relação entre corpo e alma, e consigo mesmo, o espírito é determinado, então, numa constante relação com a angústia. O espírito passa a ter sua liberdade tolhida pela angústia através de uma síntese reflexiva da consciência de si mesmo.

A presença do espírito faz com que a inocência chegue ao seu cume, nas palavras de Kierkegaard a inocência “é ignorância, mas não uma brutalidade animal, e sim uma ignorância que é qualificada pelo espírito, mas que justamente é angústia, porque sua ignorância se refere a nada” (KIERKEGAARD, 2013, p 47). A realidade de descobrir-se como ser aberto ao conhecimento de si é projetada no nada da ignorância.

A angustia faz com que o espírito humano esteja na ambiguidade do nada e de alguma coisa. A ignorância aqui aponta para o nada, e nisso se apropria a angústia, pois diante do nada que reside na ignorância há também a possibilidade. Para melhor compreender toma-se a passagem do livro do *Genesis* que situa a questão:

Ainda há inocência, mas basta que ressoe uma palavra, e a ignorância se concentrará. A inocência não pode, naturalmente, compreender esta palavra, mas a angustia recebeu, por assim dizer, sua primeira presa; ao invés de nada, ela obteve uma palavra enigmática. Assim quando no *Gênesis* Deus disse a Adão: “Mas não comas do fruto da árvore da ciência do Bem e do mal”, é obvio que Adão propriamente não entendeu essas palavras, pois como haveria de entender a distinção entre o bem e o mal, visto que esta distinção só seguiria a fruição? [...] A proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade. O que tinha passado desapercibido pela inocência como o nada da angústia. Agora se introduziu nele mesmo, e aqui de novo é um nada: a angustiante possibilidade de *ser-capaz-de*. (KIERKEGAARD, 2013, p. 48)

Uma categoria filosófica muito usual por Kierkegaard é a possibilidade. Tudo que existe, pertence ao mundo dos possíveis, e a partir do momento em que o ser humano se abre a este mundo de possibilidades, ele também estará propenso a viver angustiado, pois nele está a liberdade.

Existe, então, uma possibilidade que dá margem à outras possibilidades em que a angústia se apropria. De acordo com a passagem destacada, percebe-se que a angústia antes se referia ao nada da ignorância e agora se vincula a capacidade de avançar em direção a algo, não um saber que proporcionara o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, isso se dará conforme a procedência do indivíduo movido pela angústia, mas antes uma realidade prévia que resulta no descobrimento de uma possível atuação de sua liberdade. Esse saber pressupõe a liberdade como possibilidade.

A infinita possibilidade de *ser-capaz-de* que a proibição despertou, aproxima-se agora ainda mais porque esta possibilidade manifesta uma outra possibilidade como consequência. Assim a inocência foi levada ao seu extremo. Ela está na angústia em relação com o proibido e com o castigo. Ela não é culpada e, não obstante, há uma angústia, como se ela já estivesse perdida. (KIERKEGAARD, 2013, p. 49).

Com base nesse fragmento, soma-se a contribuição que Farago ratifica ao expor o conceito de angústia:

Ela é o *pathos* em cujo seio o indivíduo começa a chegar à consciência de si mesmo. Na origem o indivíduo, confrontado com seu nada, com o abismo sem fundo do possível, do virtual, tomando de repente consciência de sua situação, se põe. E como se pôr senão opondo-se às posições presentes, já estabelecidas diante de si? Portanto, é transgredindo uma proibição que o seu eu se põe primeiramente – segundo a representação, a economia do mito – como o mostram todas as crianças até ao saírem do berço, ilustração perfeitamente viva da veracidade do mito adâmico. (FARAGO, 2011, p. 80).

A angústia, portanto, está ligada à propensão de o ser humano se determinar a partir do poder da consciência reflexiva de si mesmo e é o espírito que atua em conjunto com essa angústia, pois ela permanece com o seu caráter de possibilidade.

2.2. Relação entre pecado e angústia

Kierkegaard avança um pouco mais na sua explicação acerca do objeto em estudo. O filósofo aprofunda no tema em questão a partir da relação com o pecado de Adão e Eva. Em sua explicação introduz uma nova categoria no desenvolvimento do assunto; o salto qualitativo:

Segue então a queda. Esta, a psicologia não consegue explicar; visto que é o salto qualitativo. Consideremos, porém, por um momento, a consequência tal como é contada naquela narrativa, para ainda uma vez fixarmos o olhar sobre a angústia como pressuposição do pecado hereditário. (KIERKEGAARD, 2013. p. 51 e 52).

Ao fazer chegar à queda, percebe-se que a angústia foi o fator determinante para tal ato. A queda então é qualificada pelo autor como o salto qualitativo. O salto qualitativo faz referência à capacidade de escolha que o espírito humano teve, e como bem se sabe, toda escolha tem sua consequência. Adão e Eva resolvem dar um passo adiante, isto é, a comer o fruto da “árvore do conhecimento do Bem e do mal”.

A narrativa bíblica faz alusão à queda após a liberdade de escolha, pois o uso da liberdade faz acontecer o salto qualitativo. O mesmo seria dizer que Adão passou pela realidade efetiva de ter-sido-capaz-de. A queda então, será definida como o primeiro pecado.

Kierkegaard afirma que “ A consequencia foi dupla: o pecado adentrou o mundo, e ficou estabelecido o sexual, e um há de ser inseparável do outro” (KIERKEGAARD, 2013, p, 52), tal afirmação revela que antes havia um estado original do ser humano. Para o autor se não houvesse a síntese realizada pelo espírito entre alma e corpo “ jamais o sexual poderia ter entrado com a pecaminosidade”. (KIERKEGAARD, 2013, p, 52).

A explicação que se dá na leitura dessa passagem quer significar uma coisa; a angústia que pressupôs o pecado como possibilidade da liberdade. Em razão disso, o filósofo reitera:

A possibilidade consiste em *ser-capaz-de*. Em um sistema lógico é bem fácil dizer que a possibilidade passa para a realidade. Na realidade efetiva, a coisa não é tão fácil, e precisamos de uma determinação intermediária. Tal determinação intermediária é a angústia, que tão pouco explica o salto qualitativo quanto o justifica eticamente. Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada, onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma. Tivesse o pecado entrado no mundo necessariamente (o que constitui uma contradição) não haveria angústia alguma. (KIERKEGAARD, 2013, p, 53).

Logo, se explica que, a angústia possibilita e possibilitou o pecado, justamente por ela pertencer a qualidade de possibilidade e não necessidade, isto é, não por uma ordem que teria de ser, mas uma ordem de circunstância. A angústia é a realidade, cuja qual, o pecado viria a ser.

Depois dessa primeira consideração da angústia como pressuposição do pecado e sua relação na constituição humana, agora se faz necessário entender a angústia como um elemento que acompanha o pecado hereditário em sua progressão.

Junto com a pecaminosidade foi posta a sexualidade. No mesmo instante começa a história do gênero humano. Ora como a pecaminosidade no gênero humano move-se em determinações quantitativas, assim também o faz a angústia. A consequência do pecado hereditário ou sua presença no indivíduo é angústia, que só quantitativamente se diferencia da de Adão. No estado de inocência – e deve ser possível, afinal, falar de um tal estado no homem que vem depois – o pecado hereditário deve ter ambiguidade dialética da qual surge a culpa no salto qualitativo. Em contrapartida, a angústia será mais refletida num indivíduo posterior do que em Adão, porque o aumento quantitativo acumulado pelo gênero humano faz-se valer no indivíduo posterior. (KIERKEGAARD, 2013, p, 57).

O primeiro pecado cometido por Adão partiu da angústia com o salto qualitativo e através desse foi colocada a pecaminosidade no gênero humano. Os indivíduos posteriores participam então, de um novo modo de viver a angústia, um modo de progressão quantitativa, pois a angústia vivida parte, da então, condição de ser pecadores. De agora em diante o pecado se torna hereditário, pois seu reflexo é angústia nas gerações procedentes. Porque então, a angústia acompanha o gênero humano? Uma vez que a culpa entra no gênero humano, agora tem-se uma tendência quantitativa em relação ao pecado, a angústia participa da trama da existência no mundo em outro significado, isto é, num sentido posterior a queda, pois está posta a real possibilidade do pecado como continuidade e a possibilidade da salvação como um nada. Enfatiza Kierkegaard:

O pecado surgiu na angústia, mas o pecado trouxe consigo, por sua vez, a angústia. A realidade do pecado é, com efeito, uma realidade que não tem consistência. De um lado, a continuidade do pecado é a possibilidade que angustia; pelo outro lado, a possibilidade de uma salvação é por sua vez um nada que o indivíduo tanto ama quanto teme, pois é sempre assim a relação da possibilidade para com a individualidade. Só no momento em que a salvação é posta, só então é superada esta angústia. (KIERKEGAARD, 2013, p, 58).

Para o autor, um fator proveniente que pode fazer o homem superar a angústia é da expectativa da salvação dada por Deus. Enquanto ela for tratada como possibilidade, assim como a possibilidade do pecado, a angústia será o principal elemento que envolverá o indivíduo em sua liberdade. Quando a salvação é posta de maneira efetiva, haverá uma superação da angústia.

Mas retomando, pois, as ideias que Kierkegaard fez chegar até aqui, pode-se dizer de modo sintético que a angústia é compreendida de forma ambivalente; num primeiro momento

entende-se que da angústia nasceu o pecado e num segundo momento, do pecado sobreveio a angústia. Esta se refere a determinação quantitativa, aquela faz referência a determinação qualitativa.

E ainda salienta o autor que a angústia pode ser revista numa ordem objetiva e subjetiva:

A distinção entre angústia objetiva e subjetiva tem, não obstante, seu lugar na consideração do mundo e do estado de inocência do indivíduo posterior. A divisão apresenta-se aqui de tal modo que a angústia subjetiva agora designa a angústia presente na inocência do indivíduo, a qual corresponde a de Adão, mas que é, sem embargo, quantitativamente diferente dela, uma vez que é determinada em termos de quantidade pela geração. Entendemos por angústia objetiva, por outra parte, o reflexo daquela pecaminosidade da geração no mundo inteiro. (KIERKEGAARD, 2013, p. 61 e 62).

O pecado pode ter sido o grande salto que o indivíduo humano estabeleceu no mundo, tanto é que este salto marcou as gerações posteriores e com ele a angústia sobreveio. Esta não veio como um aspecto negativo, mas como possibilidade de auto-transcendência, de voltar a ser si mesmo numa unidade integrada.

As ideias intuídas por Soren Kierkegaard no que diz respeito ao tema em estudo permite, contudo, que nós leitores de seu pensamento obtenhamos uma compreensão da realidade humana em sua essência. O ser humano é livre, seu espírito é capaz de atuar de diferentes maneiras em resposta às possibilidades que se oferecem ao mundo. Diante das possibilidades, a angústia sempre estará como uma ponte que levará o espírito humano a se estabelecer como tal e se laçar na adversidade e surpresas do tempo.

A partir de então, será exposto no capítulo sucessivo a adversidade que se deu na contemporaneidade do século XXI, ou seja, a adversidade que se revela numa crise provocada por um fator viral. Fator esse que dará margem para a leitura hodierna da realidade acompanhada com uma boa dose de angústia.

3. A angústia na ótica kierkegaardiana frente a crise pandêmica causada pela COVID-19.

O presente capítulo pretende estabelecer a reflexão da filosofia de Kierkegaard na perspectiva da ótica existente na crise dos dias atuais frente ao a crise sanitária causada pela Covid-19 inserindo o ser humano em uma pandemia. Ter-se-á por finalidade pensar, analisar e discorrer a respeito do cenário mundial hodierno utilizando-se como referência o conceito de angústia de Sören Aabye Kierkegaard. Tal conceito, contribui hodiernamente para o saber

filosófico acerca da cultura e da crise vivida pelos homens contemporâneos. É notório que o tema da angústia, tema extremamente interessante, estimula o conhecimento e reflete o ser humano em uma de suas fases. Durante a pandemia da Covid-19, este foi um tema retomado pelas pessoas que se viram em novas condições humanas.

A vida humana em seu curso desdobrou-se e trouxe consequências profundas a partir do distanciamento físico, aumentando ainda mais a distância social entre os seres humanos. Consequentemente, ao nos depararmos no percurso da vida humana, diante de tanta angústia humana causada por uma crise, consideramos tal tema importante para entender a humanidade atual à luz do conceito elaborado pelo filósofo Kierkegaard.

Nos capítulos anteriores, percorremos um itinerário sobre os estudos de Kierkegaard no qual o mesmo em suas obras destacou e dedicou-se a escrever sobre a importância da angústia. Para o filósofo, a angústia contribui no entendimento do processo de escolha frente às situações vividas pelo indivíduo em sua existência. Desta maneira, dedicaremos neste capítulo, nas páginas que seguem abaixo a esboçar como o conceito de angústia contribui para entendermos à crise hodierna durante a pandemia da Covid-19.

Diversas pesquisas atuais destacam-se na pesquisa sobre a antropologia humana, as condições, consequências e as crises causadas pela pandemia. As relações humanas assim como as condições psíquicas, físicas e sociais mudaram profundamente após este momento enfrentado pelos seres humanos. Portanto, não é possível, na sociedade atual, pensar filosofia sem falar desta crise. Os filósofos sempre contribuiram para a reflexão do saber diante das crises da humanidade e certamente neste momento não seria diferente. Neste aspecto, resgatando Kierkegaard, ver-se-á que seu pensamento fornece elementos para enxergar das fachadas que assolam o ser humano hoje.

Os anos de 2020 e 2021 certamente marca uma das crises mais profundas da humanidade e da saúde pública. As pessoas antes, anterior a COVID-19, aparentavam viver com uma disposição direcionada a tarefas, a obrigações, rotina, ao cotidiano agitado do mundo contemporâneo. Com a crise sanitária, de repente, através de uma mudança repentina, o ser humano se viu em uma bolha cujo convívio limitado social era limitado e a vida cada vez mais se tornou privatizada, perdeu-se a prática de ir e vir do comum da vida do ser humano. A própria saúde mental, dilacerou-se na pandemia, fragmentada viu-se interpelada pela crise do próprio ser humano causada pelas restrições do convívio social. Enfatizou-se a vida e potencializou a solidão e a angústia.

O homem contemporâneo deparou com uma nova realidade e uma crise jamais enfrentada. Nunca se ouviu tanto falar da angústia causada por uma crise mundial. De acordo

com o artigo de Juan Droguett sobre: *O mal-estar na pandemia: o papel da psicanálise em tempos de coronavírus*:

Não são poucas as vozes que orientam para fazer frente à angústia. A mediados de março, a Organização Mundial da Saúde – OMS – publicou um manifesto com indicações específicas sobre a saúde mental para a população em geral, trabalhadores sanitários, cuidadores de crianças, pessoas com doenças prévias e população em isolamento social (BBC News, 2020a). A maioria dos Conselhos Gerais de Psicologia e o Ministério de Saúde de cada país tem colocado em marcha programas de atenção e suporte psicológico em saúde mental durante o brote epidemiológico segundo a ONU, 2020 (p. 17)

Ou seja, muitas foram as vozes que falaram do tema da angústia, seja ela na psicologia, na sociologia e em outros campos do saber. Para esta pesquisa, orienta-nos o pensamento de Kierkegaard e como este conceito ajudar a compreender o cenário mundial na ótica da angústia.

Sendo assim, tomando como ponto de partida à construção de uma existência esclarecida e autêntica, realizando a síntese do finito e do infinito, do temporal e do eterno, da possibilidade e da necessidade podemos pensar o ser humano na crise contemporânea a partir da angústia. Assim, identifica-se a perspectiva de entendimento da angustia, na medida em que a compreende como inerente à própria natureza humana, o que significa dizer que todos os seres humanos convivem com este sentimento, uns para mais e outros para menos.

Através do isolamento social viveu-se uma profunda crise não só sanitária, psíquica, mas uma desconfiança de informações trazidas dos meios de comunicação, os quais mostrou-se complexos e veículos horrendos na vida da humanidade. Enfatizou-se a opressão, o medo e a dor da perda de entes queridos, nos fazem submetermos a uma vasta tomada de decisões trazidas por alheios, às consequências do que a humanidade tem vivido ainda estão por vim, pois, como sabemos interesses de desestabilidades econômica, mais o nosso senso comum de tomada de decisão não nos permite agirmos de forma coerente, a angustia não deixa o povo pensar, principalmente relacionado com a saúde emocional, psíquica diante das situações que as pessoas foram obrigadas a vivenciar, baseando o estudo no pensamento Kierkegaardiano. Portanto este capítulo tem como objetivo nos orientar a entender como as relações diante da covid 19 contribuiu para o surgimento da angustia existencial do ser humano e para as mudanças sociais nos últimos dias.

3.1 Convívio social

O mundo nesse tempo de pandemia foi obrigado a mudar completamente seus hábitos, suas atividades diárias e rotina no trabalho, perante a pandemia, esse fator deixou evidente sentimentos e reações inesperadas, que fazem pensar como o ser humano age diante da angustia,

deixando claro que não é fácil mudar quem somos e isso se concretiza em nossos comportamentos e nossas atividades.

A defesa do existencialismo feita por Jean Paul Sartre, no texto *O Existencialismo é um humanismo*, foi para explicar melhor a sua doutrina existencialista, em resposta às críticas feitas por aqueles que não entendiam sua filosofia.

Criticaram-no, por incitar as pessoas a permanecerem num quietismo de desespero, porque, estando vedadas todas as soluções, forçoso seria considerar a ação neste mundo como totalmente impossível e ir dar pôr fim a uma filosofia contemplativa, o que aliás nos reconduz a uma filosofia burguesa, já que a contemplação é um luxo (*O Existencialismo é um Humanismo*. Coleção Os pensadores, vol. XLV. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 9)

De fato, Sartre nos ajuda a compreender onde pretendemos chegar nesta pesquisa. Ele argumenta que o existencialismo perdeu com o passar do tempo, sua verdadeira identidade para a maioria das pessoas. Para o filósofo Sartre, o homem é responsável por suas escolhas e, com isso, para toda a humanidade, o que causa muita angústia. Neste sentido, é desse compromisso da escolha que afirma que o homem não pode escapar, pois:

O homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade” (*O Existencialismo é um Humanismo*. Coleção Os pensadores, vol. XLV. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.13).

Sartre defende o existencialismo como uma doutrina da ação. Afirmava que, ninguém deve se esquivar de nenhum compromisso utilizando-se de desculpas pois, cabe a cada um fazer seu próprio destino. Quem tentar escapar à responsabilidade ou ao compromisso está agindo de má-fé. Neste sentido o existencialismo é um humanismo, mas não no sentido comum da palavra. Para o filósofo, existem dois significados para a palavra humanismo: primeiro consiste de uma teoria que toma o homem como fim e como valor superior. O segundo significado consiste do humanismo existencialista. O existencialismo é um humanismo porque lembra ao homem que não há outro legislador além dele próprio, e que é no abandono que ele decidirá por si, porque não há outro universo senão o universo humano, ou seja, o universo da subjetividade humana. E, além disso, o estimulante da existência humana é a transcendência pois é fora de si que ele vê um fim, um objetivo (a ação), que é libertação.

Sartre conclui afirmando que o existencialismo é um esforço para tirar todas as consequências de uma posição ateia coerente. O seu objetivo não é mergulhar o homem no

desespero, mas ele parte do desespero original do homem, que é a atitude de descrença. Para o filósofo existencialista, o existencialismo não é um ateísmo no sentido de que se esforça por demonstrar que Deus não existe. Ele afirma que o problema não está em sua existência, mas que o homem deve se reencontrar e se convencer de que nada pode salvá-lo de si mesmo, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus.

Por fim, Sartre justifica porque seu existencialismo é um humanismo. Humanista por ser o homem o único responsável por suas ações. E existencialista porque, na medida em que o homem se projeta para fora de si mesmo, ele se faz no mundo. Para o homem é sempre possível transcender e superar a si mesmo na medida em que o homem é aquilo que faz de si mesmo, tendo a permanente liberdade de se reinventar.

A distinção entre o pensador objetivo é indiferente com respeito ao sujeito pensante e à sua existência, o pensador subjetivo, como existente essencialmente interessado ao seu próprio pensamento, é existente nele. Portanto, o seu pensamento tem uma outra espécie de reflexão, isto é, aquela da interioridade, do domínio, com que ele pertence ao sujeito pensante e a nenhum outro. Enquanto o pensador objetivo coloca tudo em resultado, e estimula a inteira humanidade a trapacear copiando resultados e fatos, o pensador subjetivo põe tudo em devir e omite o resultado, em parte, propriamente porque esta é a tarefa do pensador existencial, porque possui o caminho, em parte, porque como existente ele é sempre em devir. A reflexão da interioridade é a reflexão-dupla do pensar subjetivo. Pensando o pensador pensa o universal; mas como existente neste pensamento, ele o apropria em sua interioridade e existe. (KIERKEGAARD, 1993, p.226)

Ao ler Sartre, ver-se-á que para Kierkegaard onde há cessação de sentimentos existe tranquilidade, mas nessa quietação a angústia se faz presente, não é possível ficar omissos a esse sentimento e sensação:

Neste estado [da inocência] há paz e descanso; mas aí também ainda há, ao mesmo tempo, outra coisa, que não é nem discórdia, nem conflito; pois não há nada aí para brigar. O que há então? Nada. Mas qual efeito tem o nada? Ele dá à luz à angústia. Este é o profundo mistério da inocência: ela é simultaneamente angústia. Sonhando, o espírito projeta sua própria realidade, mas essa realidade é nada e a inocência vê esse nada continuamente fora de si. (KIERKEGAARD, 2013, p. 39)

Como supramencionado na introdução deste capítulo, o ser humano não pode ficar a par dos acontecimentos sociais pois estes envolvem diretamente cada pessoa. De fato, alguns fatores como o isolamento social modificaram muito a rotina de cada ser humano interferindo diretamente no curso das atividades sociais das pessoas. Surgiram mais casos de divórcio, mais mulheres sofrendo agressões dentro de casa. O indivíduo está totalmente relacionado com a

comunidade em que vive, mesmo que não perceba ou não concorde com isso. Kierkegaard afirma [...] “o homem é indivíduo e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo, e o indivíduo participa de todo o gênero humano”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 30). Ou seja, a angústia tornou-se algo presente na maioria dos seres humanos. Com diz Kierkegaard, angústia pode-se comparar com vertigem e:

Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundeza escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura! Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se. Nesta vertigem, a liberdade desfalece. (KIERKEGAARD, 2013, p. 66)

As experiências e vivências do homem tornaram-se em aspectos profundos da existência humana que os fizeram seres que viveram profundamente a angústia. As tarefas reduzidas dos seres humanos, a busca freada e a mudança social de insatisfações enaltecida pelas redes sociais que funcionaram como veículos pontencializadores da angústia deixaram sequelas certas na vida dos seres humanos. Alguns estudiosos acreditam que a crise sanitária causou profunda angústia no homem. No entanto, Kierkegaard, ajuda a compreender que diante desta crise que a angústia não deve ser vista como algo negativo mais a liberdade do ser humano diante das escolhas, portanto:

O homem experimenta angústia diante da liberdade carregada com o peso esmagador que é sua tarefa autêntica, a de ser humano, a saber, sintetizar os termos heterogêneos do seu ser próprio, síntese que não pode jamais ser bem-sucedida a ponto de se fazer desvanecer a angústia, porque, se a angústia é angústia diante do salto da liberdade para a liberdade, a liberdade é a essência do espírito. (...). Deste modo, se é verdade que somos dados a nós mesmos, esta verdade é, no entanto, paradoxal, pois depende de nós para que isso ocorra. Não nos é dada a existência como produto acabado. Contentar-nos com esperar o nosso acabamento na passividade seria atitude insensata. Somos os artífices daquilo que nos tornamos. A angústia vem do fato de que Deus deixa o homem livre, à sua imagem, para operar, por seus atos concretos, as escolhas em que se projeta a fim de construir-se, edificar-se (FARAGO, 2011, p. 95-96).

De acordo com as ideias presentes no texto acima, é possível indagar-se a respeito do pensar: o que acontece no ato pensante? O ensinamento? A preguiça? A fuga? O isolamento? Ou nada disso? Ou será que acontece, sim, o repouso, a resposta, a responsabilidade? Na fadiga do pensar ouvimos o silêncio da realidade, nós e ela mútua presença, e o sussurro das

possibilidades de criação de um, novo mundo, assim a arte de pensar se torna importantíssima, não só no início para que estar começando a filosofar, mas como de todos, na qual, nos converte em luz, voz, e assim sucessivamente. O pensador é sempre carregado de respostas e responsabilidade. Cada ente acode a ele próprio e nele entra a possibilidade de se descobrir e de se dizer, e conseqüentemente de se realizar.

Diante das indagações, percebemos que a pandemia do covid19 fez a humanidade sentir de modo forçado como é doloroso perder a liberdade, o ir e vir não é mais da mesma maneira. Em consequência disto, a angústia, a irracionalidade, o emocional se faz presente. A pesquisa feita pela Pfizer, levantou uma preocupação emocional e psíquica causada pelo isolamento durante a pandemia.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o país que apresenta maior prevalência de depressão na América Latina. É também o país mais ansioso do mundo. E, para profissionais da psiquiatria, a solidão é reconhecida como um gatilho - um impulsor - de transtornos de humor.⁸

Por fim, não é que Kierkegaard escreveu sobre a angústia em outra época é que não é possível atribuir seu pensamento a crise que atravessa a sociedade contemporânea. Como visto em suas obras, sobretudo na última parte d'O conceito de angústia, para Kierkegaard o homem através do experimento da travessia experimental deve assumir a angústia e assumi-la em sua plenitude.

Kierkegaard e seu pensamento ajuda a entender que: “a redenção da angústia e a fé, não são condições que suas conquistas fora da vida, mas, através da vivencia concreta dos homens” (VIESEJTEINER, 2012, p. 175). Ou seja, o ser humano, diante da angústia causada pela Covid-19 e o isolamento social vê nesta situação concreta, como diz Kierkegaard uma oportunidade de crescimento e “de jardinagem consigo mesmo até se tornar poeta-autor da própria existência” (*Ibid*, p. 175).

Sendo assim, podemos concluir que Kierkegaard e seu pensamento sobre a angústia fornece elementos filosófico para o ser humano enfrentar a crise cultural diante da pandemia. A angústia como um agir neste mundo para este mundo. O sentimento de angústia segundo o autor estudado é padecimento, uma aventura que faz o ser humano compreender a angustiar-se de modo que este não venha a se perder. Por fim, se entendermos Kierkegaard

⁸ <https://www.pfizer.com.br/noticias/releases/guia-de-saude-mental-pos-pandemia-traz-orientacoes-e-dicas-para-problemas-psiquicos-e-emocionais>
Acessado 18/08/22

compreenderemos que no angustiar-se existe o que mais há de elevado no ser humano. Ou seja, o ser humano compreendendo Kierkegaard sempre conviverá com angústia, não como algo negativo da palavra moderna que nos alcançou na linguística, mas como um conceito formado pela angústia cuja racionalidade forma possibilidades pulsando a intensidade da vida diante das crises.

CONCLUSÃO

Portanto vimos neste trabalho que a angústia é vivenciada, de forma radical, na existência do indivíduo, ou seja, o indivíduo é angústia. No primeiro capítulo, nota-se que a vida do filósofo foi percorrida segundo as vivências angustiantes e melancólicas do próprio pai, pelo qual se deixou totalmente ser influenciado. É através dessa influência paterna que Kierkegaard se confronta com temas problemáticos e questionadores do seu tempo.

Nesta mesma perspectiva, o segundo capítulo apontou que a angústia, tal como Kierkegaard se propõe a discuti-la, está ligada a uma realidade existencial, movida pelas consequências da existência. Dito de outro modo, ela está por inteira na existência do indivíduo. De acordo com “O conceito de angústia”, sobressai-se como um ponto importante a ação do pecar, ou seja, o pecado.

Diante do que foi visto anteriormente, percebemos, no terceiro e último capítulo, que está angústia permanece unida com o indivíduo. E em meio à crise cultural causada pela pandemia, percebe o quanto o ser humano vive angustiado, já vivenciado desde os primórdios do tempo, compreendemos assim no termino deste trabalho que cabe ao homem entender, assimilar, compreender e encontrar respostas plausíveis para trabalhar suas angústias e progredir em seu amadurecimento humano diante dos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, J. M. de & VALLS, Alvaro L. M. Kierkegaard. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
2. BBC. «O que é pandemia e o que muda com declaração da OMS sobre o novo coronavírus». In: BBC News Brasil, 11/03/2020a. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51363153>>. Acesso em 18/08/2022.
3. FARAGO, France. Compreender Kierkegaard. Trad. Ephraim F. Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. GARAVENTA, Robert.
4. KIERKEGAARD, SörenAabye. O Conceito de Angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010, 179 p
5. O Existencialismo é um Humanismo. Coleção Os pensadores, vol. XLV. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural,1973
6. ONU. «O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante». In: Nações Unidas Brasil, 14/05/2020. Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/oms-o-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-das-pessoas-ja-e-extremamente-preocupante/>>. Acesso em 18/08/2022.
7. <https://www.pfizer.com.br/noticias/releases/guia-de-saude-mental-pos-pandemia-traz-orientacoes-e-dicas-para-problemas-psiquicos-e-emocionais>. Acesso em 18/08/2022.